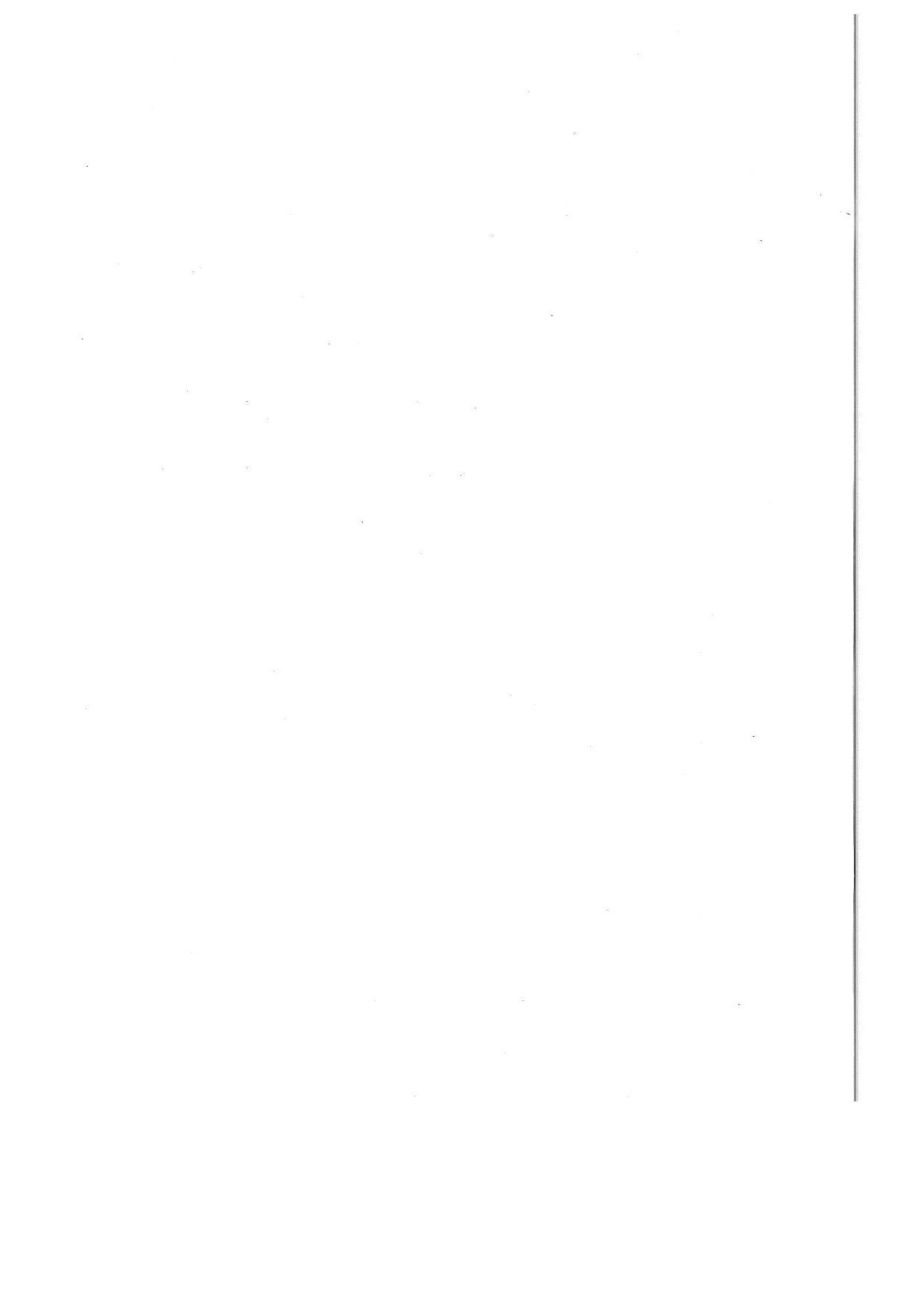


Parte 2
Problemas e questões



Por que Chomsky está errado?

Pedro Perini-Santos*

Resumo

Neste artigo, analiso criticamente citações de autores gerativistas que sustentam que a evolução da linguagem ocorre de acordo com mecanismos internos e inerentes a ela. Sustento também que a leitura autonomista do gerativismo tem origem em um projeto formalista que lega mais valor à sistematicidade do modelo matemático explanatório do que à própria realidade.

Palavras-chave: Gerativismo; Autonomia da linguagem; Revisão crítica; História

SOBRE O TÍTULO DO ARTIGO

Onde está escrito “Chomsky”, leia-se: “teorias que defendem a autonomia da linguagem”; onde está escrito “errado”, leia-se: “fogem do debate”. Reescrevendo o título do artigo, teríamos: “Por que as teorias que defendem a autonomia da linguagem fogem dos debates?”. Respondendo o título do artigo, afirmo: “Porque não aceitam novas indagações sobre a origem e a evolução da linguagem”.

Sustentarei essa opinião da seguinte forma. Inicialmente, discorro sobre as bases epistêmicas do gerativismo; em seguida, apresento e analiso algumas citações de autores gerativistas que explicitam a defesa da autonomia da linguagem; por fim, concluo justificando o porquê da necessidade de se levar em conta a história para a descrição lingüística e conseqüentemente a necessidade de reexaminar alguns princípios estruturalistas.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; doutorando em Lingüística Cognitiva, Universidade Federal de Minas Gerais (Grupo Incógnito).

INTRODUÇÃO

De imediato poderia ser-me acionada a seguinte indagação: escuta, meu caro, não se pode questionar uma linha teórica quinquagénaria a partir de algumas poucas citações. Correto. Mas o que listo não são citações aleatoriamente escolhidas; o que cito são falas recentes, propostas por expoentes representativos e influentes da corrente gerativa, cujos comentários ecoam e ratificam os princípios fundamentantes da teoria.¹ Por esse motivo, as poucas citações analisadas indicam o que é sustentado pela linha gerativista. Noam Chomsky (*apud* ANDOR, 2004), Ray Jackendoff (2002) e Frederick Newmeyer (2003) afirmam que o modelo gerativista é o único modelo científico possível para a análise da linguagem. Com esse contrato discursivo,² as reflexões que põem em xeque o gerativismo em suas várias manifestações são tratadas como *outsiders* ao que é realmente pertinente para o estudo lingüístico.

Exemplo lapidar dessa postura é a explicação proposta por Newmeyer (2003) para o fato de o verbo inglês *walk* aparecer mais vezes na forma intransitiva do que na forma transitiva, como supostamente deveria ocorrer de acordo com a programação temática do verbo. Diz ele:

Mas para explicar a maior freqüência de sentenças do tipo 36(a) [Sandy caminhou (até a loja)] do que do tipo 36(b) [Sandy caminhou o cachorro], basta observar que caminhar (você mesmo) é uma atividade mais comum do que caminhar outras criaturas. *Isto não é um fato sobre gramática.* (p. 696; destaque nosso)

A proposta de Newmeyer não deixa margem a muita interpretação. Para o autor, o fato de ‘as pessoas caminharem’ mais do que ‘as pessoas caminharem coisas’ não é pertinente para a análise da transitividade do verbo caminhar – “não é um fato sobre gramática”, diz ele. Pergunto: se é verdade que as variações na realização verbal advindas das práticas sociais e pessoais não são relevantes, o mesmo verbo não deveria ter a idêntica realização de transitividade em todos os grupos humanos e nações onde se fala a mesma língua?

Analisemos um verbo português pouco polêmico na atribuição de caso. Penso no verbo *nascer*. *Nascer* é um verbo classificado como “intransitivo”, ou seja, sua grade temática carece de um único argumento: NASCER < ag. >. Vamos aceitar que a função temática a ser listada é ‘agentiva’ (ag.). Caso pense-se em ou-

¹ Segundo Pinker (2002, p. 16), “Chomsky é geralmente incluído entre os dez escritores mais citados no campo das humanidades (ganhando de Hegel e Cícero e estando atrás apenas de Marx, Lênin, Shakespeare, a Bíblia [sic], Aristóteles, Platão e Freud) e é o único membro vivo entre os dez mais”.

² Em Jackendoff (2002, p. xiii), lê-se: “We cannot afford the strategy that regrettably seems endemic in the cognitive sciences: one discovers a new tool, decides it is the only tool needed, and, in an act of academic (and funding) territoriality, loudly proclaims the superiority of this tool over the others”.

tra interpretação temática, mantém-se que há um e apenas um papel temático a ser preenchido. Assim, para uma pergunta ‘Quando você nasceu?’, responde-se ‘Eu nasci (em 1970)’, sendo que o Sintagma Preposicional (SPrep) entre parênteses é componente acessório.

No entanto, se a mesma pergunta for feita a um angolano falante nativo bilíngüe do português e do kimbundu, a reação será outra. Para esse grupo lingüístico, a categorização do mesmo verbo demanda dois papéis temáticos: NASCER < ag. , pac. >, sendo que quem nasce é paciente (pac.). Segundo Amélia Mingas (2000), em:

- (a) Eu ainda não nasci a minha mãe é que me nasceu.
[como resposta à pergunta “quando nasceste?”],

A análise da frase permite-nos constatar que, embora seja formalmente portuguesa, existe nela uma referência semântica à língua materna kimbundu. Com efeito, ela está, sem quaisquer dúvidas, presente neste exemplo, na medida em que em kimbundu não existe o verbo “nascir”, mas sim o verbo “dar à luz” e/ou “parir”, o que pressupõe uma acção passiva do filho no ato na nascença. (p. 82)

Exemplos como esse são muito comuns e continuam a ser esquecidos. A desconsideração da prática lingüística pela Lingüística leva à negação da necessidade de averiguação empírica sobre o que é proposto. O gerativismo sustenta que a avaliação empírica é desnecessária;³ que o estudo da linguagem deve seguir a separação sincronia *vs.* diacronia supostamente formulada por Saussure,⁴ e que a prática de comunicação é irrelevante (*cf.* CHOMSKY, 1980, p. 130 *apud* MILLIKAN, 2003, p. 218).

Esses três postulados afastam diametralmente o cognitivismo gerativista da corrente cognitiva de Ron Langacker (1987,1991) que, se peca por incorrer em algumas imprecisões metodológicas, merece ser valorizada pelo fato de ampliar a gama de fatores a serem considerados em uma análise lingüística.

Na Apresentação de *Concept, image and symbol*, Langacker critica a aceitação dos preceitos gerativistas da auto-contemplação do sistema lingüístico (*self-contained system*),⁵ da autonomia da sintaxe em relação ao estudo semântico-lexical e do trato lógico-binário desenhado pela análise lingüística corrente; e frisa:

³ Durante disciplina dedicada à “História do Estruturalismo”, do qual participei (University of California at Davis, 2004), a professora Maria Manoliu-Manea cita o fato de Z. Harris fazer referência à necessidade de serem necessárias apenas “100 horas de gravação” para o estabelecimento de um *corpus* de análise.

⁴ Calvet (1975) demonstra a ocorrência de atribuições conceituais feitas a Saussure que são incongruentes com o que, de fato, ele pensava. Lucchesi (1998) igualmente demonstra o caráter relativo dessa separação saussuriana.

⁵ Neste sentido, a aproximação epistêmica entre Chomsky e Saussure se justifica. Lembremo-nos que ao mestre genebrino é comumente tributada a expressão que a linguagem é um sistema *où tout se tient*.

[a] gramática cognitiva é assim bastante distinta de qualquer versão da gramática gerativa. Ademais, parte de outras fontes da semântica tradicional, formal e novas formas de [análise] semântica /.../ que equacionam significados através de conceitualizações (ou processos cognitivos). (LANGACKER, 1991, p. 1)

Por que isso acontece?

GERATIVISMO COMO PROGRAMA MATEMÁTICO

O gerativismo baseia-se na possibilidade de se encontrar um conjunto limitado de princípios básicos capazes de gerar infinitas sentenças. Ou seja, o ser humano nasce dotado de um dispositivo mental que o habilita a compôr um volume de frases inéditas potencialmente infinito a partir do processamento da experiência com estímulos comunicativos externos bastante restritos. Esse princípio, comumente nomeado “argumento da pobreza de estímulo”, é central à teoria gerativista. Só é possível ao ser humano gerar infinitas sentenças a partir do contato com poucos estímulos lingüísticos, se nascer com dispositivos biológicos aptos para tal realização. Assim, justificam-se o mentalismo, o inatismo e, por conseguinte, a produtividade e a autonomia da linguagem em relação àquilo que não é linguagem. Para evitar uma leitura tautológica, vamos compreender linguagem *à la* gerativismo, como “o conjunto de ocorrências sentenciais produzidas em uma dada língua”.

Otto Jespersen, Leonard Bloomfield e Noam Chomsky optaram por um modelo formalista de explicação.⁶ Jespersen foi pouco reconhecido em seu projeto minucioso de formalização da sintaxe; Bloomfield sustentava a utilização de mecanismos explanatórios matemáticos em função de um projeto epistêmico formalista para o qual a simbologia matemática dispõe de recursos lógicos supraculturais de possível diálogo científico internacional; Chomsky elege os mecanismos formais matemáticos dado que esses permitem, sustenta ele, expressar a organização operacional biológica de uma mente que é estável, universal e composicional.

É muito importante levar em conta que Chomsky é diretamente influenciado pelo programa formalista de Hilbert (*apud* ANDLER, 1992) e interpreta a matemática de modo “platônico-formalista” (*apud* BARROW, 1991). Explico: é *platônica* porque a concepção da gramática como universal implica a idéia de que todas as línguas, mais cedo ou mais tarde, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, manifestam as mesmas *estruturas básicas que nelas existem*. O gera-

⁶ Há ampla revisão sobre os autores citados em Tomalin (2002); Di Giorgi (2001).

tivismo não propõe uma organização das estruturas inicialmente observadas em categorias estabelecidas de acordo com um rol de critérios e subsequente interpretação; o gerativismo matematiza aquilo que *existe* na linguagem humana porque encontrou, advoga, aquilo que *é* a Gramática (humana) Universal. Compreende-se, assim, o porquê do uso constante de argumentos advindos de uma leitura matemática e biológica composicional. Ao mesmo tempo, o gerativismo enxerga a matemática como instrumento *formal* de análise e de expressão tal como sustentava Hilbert – descrito por Daniel Andler como “*l’ange gardien du formalisme*” (1992, p. 21); nas palavras do matemático John Barrow (1991):

O ponto filosófico fundamental do programa formalista de Hilbert foi definir a matemática como nada além do que a manipulação de símbolos de acordo com regras específicas. O castelo de cartas construído não tem significado algum. (...) A conexão entre o mundo natural e a estrutura da matemática é absolutamente insignificante para os formalistas. (...) A atenção era dirigida para a relação entre os conceitos mais do que para os conceitos eles próprios. (p. 546)

Através da composição epistêmica matemático-biológica, o gerativismo estabelece seus princípios de compreensão para a relação entre corpo e mente. Muito se tem a dizer sobre o dualismo gerativista corpo/mente, ou, então, matéria/mente, e suas conseqüências metodológicas. Chomsky não tem uma leitura dualística ingênua ou radical; tampouco afirma que se tenha por resolvido a querela de como ocorre contato entre matéria e mente, mas claramente vislumbra o caminho pelo qual busca responder à pergunta. Chomsky afirma que “o que é mental emerge do cérebro” (*apud* ANTONY e HORNSTEIN, 2003, p. 257-259), locando em um estado de materialização reconhecível o desejado ‘contato’ entre a matéria e a mente. Não se trata de uma leitura lockeana sobre a matéria pensante ou da capacitação para a linguagem da qual dispõem seres humanos e animais, como aparece em Condillac (*apud* COSKI, 2003). Em Chomsky, tem-se um projeto híbrido de reconhecimento do que era descrito de forma abstrata e indefinida em Saussure na matéria biológica humana.

Boa indicação do hibridismo conceitual biologia/linguagem no qual se alicerça o gerativismo é uso de expressões opacas como *psicologicamente real*, *sintaxe profunda* e a associação conceitual *mente/cérebro*. Por esse motivo, à composicionalidade gerativista, inicialmente de escopo sentencial e, por analogia, lexical e semântica, associa-se a existência de categorias e de estruturas fixas cerebrais. A clássica fórmula gerativa $S \rightarrow NP + VP$ pode ser reescrita como: “Existe uma fórmula que gera uma estrutura complexa a partir de estruturas mais simples”, ou ainda, nos termos de Wasow (2001), gerativista que se dedica à morfologia:

... pensamos as gramáticas como mecanismos que juntam as peças de acordo com regras precisas; “gerando” assim sentenças bem formadas. Se as regras da gramática forem aplicadas a seu próprio enunciado [*output*] (no jargão técnico, se algumas regras forem “recursivas”), será possível, portanto, que gramáticas finitas gerem linguagens infinitas. (p. 296)

A sintaxe é o conjunto de regras (que equacionam); o léxico são as peças (que compõem). Em uma teoria mentalista e composicionalista, a proposição da existência de funções sintáticas universais acarreta categorias lexicais invariáveis e discretas. O léxico não é muito mais do que uma lista de palavras que carregamos em nossa memória mental. Cabe portanto ao léxico o papel de preencher ou deixar preenchidamente vazias⁷ as estruturas da sintaxe obedecendo à coerência do princípio do isomorfismo.

A interpretação das palavras como as peças de uma equação sentencial é feita a partir de sua decomposição em traços semânticos universais como [+/- animado], [+/- mamífero], [+/- líquido] etc, e a partir de traços de manifestação mórfica como [+/- número], [+/- tempo], [+/- gênero] etc. Como é explicitamente recursiva, a gramática gerativa conclui que as palavras são composições de traços e as sentenças, composições de palavras. Em suma, produzir linguagem é aglutinar moléculas mórfico-semânticas compatíveis:

Para a G[ramática] G[erativa] T[ransformacional] formal (ou seja, estritamente chomskiana), a empreitada da lingüística era descobrir a gramática abstrata da linguagem, a gramática do “falante ideal” em uma comunidade de fala completamente homogênea (...) Se reconhecidas, as variantes são julgadas como se pouca importância; e, se o contexto no qual as palavras são produzidas afeta sua forma e sua compreensão, os gerativistas avaliam como algo essencialmente irrelevante (...) Dados empíricos (...) não eram apenas desnecessários, mas também eram indesejados: eles podem corromper, dada a tintura de influências externas triviais, os “performance factors”. (LAKOFF-TOLMACH, 2000, p. 5)

Assim, a constituição da linguagem está livre de constrangimentos de ordem contextual e histórica. Dado que o ser humano nasce com dispositivos mentais produtivos, dado que os parâmetros de exercício e interpretação da linguagem são também universais, tudo se passa como se o estágio da evolução biológica em que nos encontramos nos caracterizasse a todos como organismos vivos providos de mecanismos sintáticos, semânticos e mórficos produtivos, aptos e prontos a serem acionados. Palavras são composições sintático-semânticas de signifi-

⁷ O que aparece em textos gerativistas como em Mary Kato (2002): “O preenchimento do sujeito poderia ser feito por um pronome vazio” (p. 314), e em Longobardi (2001): “*Chez* is now endowed with an inherent locative meaning, as if it contained an incorporated invisible preposition” (p. 290).

cado estático que se encaixam harmoniosamente nas estruturas sentenciais prontas e igualmente a-históricas.⁸

AS CITAÇÕES ANALISADAS

Em comentários dedicados ao tema ‘evolução da linguagem’, Chomsky (*in* ÁNDOR, 2004), Newmeyer (2003) e Jackendoff (2002) discorrem sobre a opção sincrônica gerativista. Nesta parte do artigo, cito e analiso criticamente uma passagem de cada um dos autores. (O texto original das citações analisadas aparece em nota de pé-de-página).

Ray Jackendoff

Agora que o tema da evolução está em alta, muita gente fica alegre ao especular sobre a evolução da linguagem /.../ sem levar em conta muito do que é realmente conhecido sobre a linguagem. (JACKENDOFF, 2002, p. 231)⁹

Sarcástica – essa é a adjetivação que atribuiria ao texto de Jackendoff. “Pessoas alegres com a *especulação* sobre a evolução da linguagem” leva a crer que os trabalhos em biologia e linguagem desenvolvidos pelo Instituto Max Planck; as pesquisas em paleontologia, antropologia e arqueologia lingüísticas; e os estudos em crioulística são meras divagações sobre questões que a lingüística formal já tem como resolvidas. No domínio de pesquisa sobre história e evolução da linguagem, quem deve ter os olhos abertos são os lingüistas da linha formal que se anunciam darwinistas,¹⁰ mas que se negam a pensar que a própria biologia darwinista como padrão modelo evolutivo vê-se questionada por novas propostas, notadamente pelo trabalho de Richard Dawkins (1976).¹¹

⁸ Vale conferir a resenha crítica proposta por Behrens (1998) a respeito do estudo lexical gerativista de Pustejovsky publicado em 1995.

⁹ “Now that evolutionary talk is rampant, plenty of other people are happy to speculate about evolution of language (...) without taking into account much of what is really known about language”.

¹⁰ “Além disso [linguagem como adaptação biológica para transmitir informação], o fato de ver a linguagem como uma das maravilhas da engenharia da natureza – um órgão com ‘aquela perfeição de estrutura e de co-adaptação que, com razão, desperta nossa admiração’, nas palavras de Darwin” (PINKER, 2002, p. 11).

¹¹ Sobre esse tema, destaca-se a contribuição apresentada pela antropologia lingüística. Penso especificamente no trabalho de Dan Sperber (1997) que agrega a pesquisa de Dawkins às reflexões sobre a efetivação da linguagem como constructo social e histórico.

Ainda sobre história da linguagem, muitos são os exemplos de observações assinaladas pela lingüística que se fundamentam em “fatos” da história da Humanidade e da espécie humana que são meras suposições ou erros:

Em muitos casos, não sabemos quais populações históricas falavam quais línguas; e, claro, potes não falam, apesar de muitos terem cometido erro ao tentar associar “culturas” arqueológicas com línguas ou famílias de línguas específicas. (NURSE, 1997, p. 361)

Quando afirma-se que determinada formulação lingüística *f* origina-se da língua *l* falada por uma população *p*, supõe-se: que *p* falava *l*, e que *p*, *l* e *f* se desenvolveram sem contato com outros povos, com outras línguas e com outras ocorrências; isso não é correto.

Há no mundo hoje cerca de 5.000 línguas e 150 nações (CALVET, 2003; DALBY, 2003). Ilusório pensar que o contato entre línguas não exista e que não haja efeitos sobre os falantes e sobre as estruturas usadas. Estudos em crioulística e sobre relações transculturais indicam situações de incontestável relação de influência:

Além disso, o Negro inconscientemente introduziu traços mórficos e sintáticos de sua própria língua, com os pronomes do Bantu para a primeira pessoa singular e terceira pessoa plural em São Tomás: **n(n) ga cantá uólé** (Eu canto agora) e **inei ca canta** (Eles cantam): onde *ca* ou *ga* podem ter vindo do Português ou do Bantu. (VAL-KHOFF, 1966, p. 52)

Enquanto crianças bilingües podem distinguir claramente suas duas línguas [que falam], revela-se que há influência de uma língua sobre a outra. (NICOLADIS, 2003, p. 17)

Jackendoff (2002) diz que esse tipo de pesquisa não leva em consideração o que é “realmente conhecido”. Mas o que é realmente conhecido, *Charles Brown*? São as estruturas existentes que não aparecem? São as imagens coloridas da linguagem acontecendo no cérebro? Essas apostas teóricas não são, creio, realmente conhecidas; são experimentos de montagem operacional bastante questionável ou soluções *ad hoc*.¹²

Jackendoff (2002) conclui diplomaticamente o parágrafo que introduz o capítulo de seu livro dedicado à evolução da linguagem da seguinte forma:

O presente capítulo é oferecido nesse espírito: não tenho certeza até que ponto levo isso a sério, mas como há tempo que [o tema] está em debate, vale a pena tomar partido. (p. 232)¹³

¹² Sobre o valor dos experimentos neurológicos, vale conferir M. Collier (1998).

¹³ “The present chapter is offered in this spirit: I am not sure how seriously I want to take it, but as long as there is a debate, it is worth taking part”.

Traduzindo para a forma vernacular, o que diz o pesquisador é mais ou menos o seguinte: “— Tudo bem... Vou dar uma colher de chá e vou falar sobre esse assunto, que não tem muito valor, mas que está na moda e na agenda da Academia”.

Noam Chomsky

De um ponto de vista da evolução, não há razão específica para pensar que a comunicação foi um fator significativo na evolução da linguagem. (CHOMSKY, in: ANDOR, 2004, p. 108)¹⁴

O comentário de Chomsky sobre a evolução da linguagem é bastante claro. A partir dele, podem ser feitas as seguintes asserções: (1) existe evolução da linguagem; (2) a evolução da linguagem não está ligada significativamente à comunicação; e (3) há portanto alguma dimensão de evolução da linguagem que ocorre de forma autônoma. Se estiver correta a interpretação que faço da proposta de Chomsky, parece-me possível concluir que as relações lingüísticas não são nada além do que a soma de manifestações individuais; o que reflete fielmente o biologicismo contemporâneo:

A ideologia da ciência moderna, incluindo a biologia moderna, faz do átomo ou do indivíduo a fonte causal de todas as propriedades dos grandes grupos. /.../ Isso cinde o mundo em domínios autônomos independentes: o interno e o externo. As causas são internas ou externas, sem que haja relação de dependência mútua entre elas. (LEWONTIN, 1992, p. 13)

A dimensão de mudança da linguagem que pode ocorrer de forma independente do uso e das relações está programada em algo como o DNA das palavras. Assim, em um grupo de 2 ou 20.000 pessoas poderá ocorrer a mesma evolução autônoma de linguagem. A dependência do DNA, ou a submissão ao DNA, lega ao ser humano a (confortável) condição de ter sido programado em um tempo passado que necessariamente coincide com o surgimento da espécie. As mudanças da espécie, que apenas existe enquanto grupo porque os indivíduos da categoria são herdeiros de uma mesma programação ontológica, estão também previstas na programação inicial, como aparece na teoria de “Princípios e Parâmetros”:

O conhecimento sintático de um falante adulto [é] constituído de Princípios invariantes e propriedades paramétricas, estas com seus valores definidos a partir da língua que lhe serviu de “input” no período da aquisição. Se língua-I é entendida como o es-

¹⁴ “From an evolutionary point of view there’s no particular reason to think that communication was a significant factor in the evolution of language”.

tágio adulto do conhecimento lingüístico, a Gramática Universal (GU) é postulada como o estado S_0 inicial, *comum a todas as crianças, homogêneo dentro da espécie humana*. Longe de ser um estado vazio, a GU é definida como o conjunto dos Princípios invariantes que regem as línguas naturais e mais os Parâmetros de variação interlingüística, concebidos como opções presentes [+ ou 1] ou ausentes [- ou Ø]. Logo, *uma boa parte da língua-I já está em S_0 , isto é, é inata ou bio-programada. Os Princípios não são aprendidos; quando muito maturam. Os Parâmetros também já estão previstos, mas, por serem propriedades sub-especificadas, precisam ser definidos quanto ao seu valor.* (KATO, 2002, p. 311; destaque nosso)

Rudolf Botha (1999) caracteriza os comentários sobre a evolução da linguagem em Chomsky como um conjunto de “fábulas” e chama a atenção para uma profunda contradição. Por um lado, gerativismo reconhece o surgimento da linguagem – em sua forma perfeita! – em um movimento “instantâneo”; por outro, discorre sobre evolução da linguagem; pergunta-se: da perfeição, evolui-se em qual direção?

Frederick Newmeyer

A proposta gerativista da ‘evolução instantânea da linguagem’ (BOTHÁ, 1999: p. 244) é claramente exemplificada em Newmeyer (2003).

Primeiro, havia o nível da estrutura conceitual (...) Em seguida, ocorre o principal evento evolucionário. A estrutura conceitual foi ligada ao canal de expressão vocálica (...) tornando possível a veiculação do pensamento. Ou seja, tornou a comunicação vocálica possível. (p. 700)¹⁵

Esta é a mais teleológica das afirmações gerativistas. No início, havia os conceitos; depois associaram-se sons e conceitos e... surgiu a comunicação vocálica. Nada de meio ambiente; nada de relações de comunicação; nada de relações de interação não-lingüístico-vocálicas. Tudo se passa como se tivesse havido algum fenômeno de efetivação de uma habilidade lingüística latente na espécie humana. É com essa crença que o gerativismo explica a existência de estruturas sintáticas e semânticas universais biológicas estáticas. Geneticamente, herdamos o que “surgiu” nos primeiros seres humanos (Mas como eles surgiram, *Charles?*) “Nada transgeracional pode ser locado em uma faculdade humana. As crianças não nascem com memória racial que fornece a elas os detalhes da história das formas que elas escutam” (NEWMAYER, 2001, p. 192).¹⁶

¹⁵ “First, there existed a level of conceptual structure (...) Second came the principal evolutionary event. Conceptual structure was linked to the vocal output channel (...) making possible the conveying of thought. That is, it made vocal communication possible”.

¹⁶ “Nothing transgenerational can be situated in any human faculty. Children are not born with racial memories that fill them in with the details of history of the forms that they hear”.

CONCLUSÃO: A NECESSIDADE DA HISTÓRIA PARA A ANÁLISE LINGÜÍSTICA

A linguagem nasce e muda com o uso e com as relações simbólicas e coporais que os seres vivos compartilham entre si e com o ambiente. A forma através da qual aprendemos nossa língua nativa determina como realizamos a nossa língua nativa. Não há como separar a realização da linguagem de nossas práticas cotidianas; práticas essas que herdamos do nosso jeito, não porque somos programados, mas porque estamos cercados por pessoas e ambientes que repetem, com maior ou menor grau de variação, o que foi, desta mesma forma, herdado de gerações anteriores.

Há mudanças mais rápidas, mais nítidas e datáveis. Há outras mais complexas e mais opacas. Os estudos sobre a gramaticalização oferecem nítidos exemplos disso.¹⁷ A impossibilidade de mapear as trajetórias históricas de todas as formas e significados da linguagem é meramente uma questão metodológica; dispõe-se de poucos dados e de limitações interpretativas muito profundas. Mesmo assim, entre optar pela aceitação dogmática de a linguagem ser uma entidade autônoma e uma análise mais detalhada e com possíveis imprecisões, escolho a segunda.

Abstract

In this paper, I critically present an analysis for some citations proposed by generative linguists who state that evolution of language occurs according to an internal and inherent linguistic process. I also claim that the generativist autonomous interpretation of language has been built since a formalist project which stresses the organization of a mathematical model of explanation rather than reality itself.

Key words: Generative grammar; Autonomy of language; Critical review; History.

¹⁷ Sobre o tema vale conferir, dentre vários textos, Christiane Marchello-Nizia (2003).

Referências

- ANDLER, Daniel (Ed.). *Introduction aux sciences cognitives*. Paris: Folio, 1992.
- ANDOR, József. The master and his performance: an interview with Noam Chomsky. *Intercultural Pragmatics*, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2004.
- ANTONY, Louise; HORNSTEIN, Norbert (Eds.). *Chomsky, and his critics*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- BARROW, John. What is Mathematics? In: FERRIS, Timothy (Ed.). *The world treasury of Physics, Astronomy and Mathematics*. Boston/London: Little, Brown and Company, p. 541-558, 1991.
- BOTHA, Rudolf. On Chomsky's fable of instantaneous language evolution. *Language & Communication*, n. 19, p. 243-257, 1999.
- BEHRENS, Leila. Polysemy as a problem of representation. *Lexicology*, v. 4, n. 1, p. 105-154, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. *Pour et contre Saussure: vers une linguistique sociale*. Paris: Payot, 1975.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2003.
- COLLIER, Mark. On the compatibility of connectionism and cognitive linguistics. *CRL Journal*, v. 11, n. 4, p. 3-10, 1998.
- COSKI, Christopher. Language, thought, and morality in the Man and Animal debate. *French Forum*, v. 18, n. 1, p. 58-75, 2003.
- DALBY, Andrew. *Language in danger: the loss of linguistic diversity and the threat to our future*. New York: Columbia University Press, 2003.
- DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1976.
- DI GIORGI, Sigfrido. Jespersen's formalism: problems and extensions. *English Language and Linguistics*, v. 5, n. 1, p. 131-158, 2001.
- JACKENDOFF, Ray. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002.
- KATO, Mary. A evolução na noção de parâmetro. *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, p. 309-337, 2002.
- LAKOFF-TOLMACH, Robin. *The language war*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2000.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LANGACKER, Ronald. *Concept, image and symbol*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- LEWONTIN, Richard. *Biology as ideology: the doctrine of DNA*. New York: HarperPerennial, 1992.
- LONGOBARDI, Giuseppe. Formal syntax, diachronic minimalism, and etymology: the history of French *chez*?. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 2, p. 275-302, 2001.
- LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.

- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. Changes in the structure of grammatical systems: the evolution of French. *Court of the University of St. Andrews*. v. 39, n. 4, p. 371-385, 2003.
- MILLIKAN, Ruth. In Defense of public language in: ANTONY, Louise; HORNSTEIN, Norbert (Eds.) *Chomsky, and his critics*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- MINGAS, Amélia. *Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.
- NEWMAYER, Frederick. Deconstructing grammaticalization. *Language Sciences*, n. 23, p. 187-229, 2001.
- NEWMAYER, Frederick. Grammar is grammar, and usage is usage. *Language*, v. 79, n. 4, p. 682-707, 2003.
- NICOLADIS, Elena. Cross-linguistic transfer in deverbal compounds of preschool bilingual children. *Language and Cognition*, v. 6, n. 1, p. 17-31, 2003.
- NURSE, Derek. The contribution of Linguistics to the study of history of Africa. *Journal of African Studies*, n. 38, p. 359-391, 1997.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PUSTEJOVSKY, James. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- SPERBER, Dan. Individualisme méthodologique et cognitivisme. In: R. BOUDON, F. CHAZEL; A. BOUVIER (Eds.). *Cognition et sciences sociales*. Paris: Presse Universitaire de France, p. 123-136, 1997.
- TOMALIN, Marcus. The formal origins of syntactic theory. *Lingua*, n. 112, p. 827-848, 2002.
- VALKHOFF, Marius. *Studies in portuguese and creole: with special reference to South Africa*. Johannesburg: Witwatersrand University. Press, 1966.
- WASOW, Thomas. Generative grammar, In: ARONOFF, Mark; RESS-MILLER, Janie (Org.). *The handbook of linguistics*. Oxford/Malden: Blackwell, 2000. p. 295-317.

